

Apresentação pública do web-site da Casa de Sarmento

Intervenção do Presidente
da Sociedade Martins Sarmento
J. Santos Simões

É esta a primeira vez que a Direcção da Sociedade Martins Sarmento intervém num acto público ligado à Casa Sarmento. Se o contacto de muitos anos com os meus colegas de Direcção me tem permitido falar em nome deles exprimindo opiniões que procuro que sejam sempre consensuais, hoje, e por ter de falar da Universidade, peço que qualquer opinião mais controversa seja levada em linha de conta de reflexão, porventura errónea, da minha inteira responsabilidade.

É que eu sou um dos raros que, não integrando nenhum colégio universitário, tive a oportunidade de julgar o funcionamento da Universidade enquanto aluno (e de tecer ao mesmo as mais acerbas críticas) e, em tempo maduro, e depois de muitos anos de reflexão sobre a educação e o ensino, ter tido a honra de participar na criação de uma Universidade.

Vejo pois a Instituição do lado de fora e isso é importante para que os outros (de dentro e de fora) possam também ficar a saber que é possível e desejável que não consideremos a Instituição como um monstro sagrado.

A palavra *Universidade* começou por designar, em meados do séc. XII, a «comunidade» de mestres e alunos que se reuniam para a transmissão do saber mas ainda sem o sentido de «corporação» em que viria a transformar-se. De Paris, Bolonha e Oxford até à Universidade do Minho é um longo percurso, não linear, de cerca de 8 séculos. As principais balizas das grandes alterações foram o Renascimento, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Com excepção da Universidade Medieval, *Universtas Magistrorum et Scholarium*, comunidade indistinta e indissolúvel, ilhas protegidas por Reis e Papas, a involução sofrida levou à *Universitas Magistrorum* que em Portugal perdurou até à década de 70 de século XX com uma estrutura rígida das Faculdades pombalinas. Não vou aqui falar das contestações ao modelo, em Portugal, que começaram vivamente com a geração de 70 do século XIX e depois com a *boutade* de Junqueiro de que a *Universidade (de Coimbra) para dar luz era necessário incendiá-la*, e depois até tempos mais modernos que já vivi a partir da década de 40 do século passado. Mas foi, como já referi, a partir da década de 70 do último século que a crítica se tornou mais incisiva. Sedas Nunes e Miller Guerra foram, por assim dizer, os porta-vozes do descontentamento, em particular este último, que havia de afirmar com grande escândalo que *as Universidade são incapazes de se auto-reformarem*. É neste período que ocorre o *25 de Abril* e a partir daí a história é conhecida, quer pelos seus naturais excessos quer pela incapacidade de resposta que as universidades, ditas velhas, quer pelo “atrevimento” inovador das novas que acabaram por dar resposta inteligente e capaz a tão complexa situação. Aqui no Minho, e aqui em Braga, sede de uma estrutura, social, política, religiosa e cultural que não tinha paralelo em mais nenhuma terra do país, foi criada no papel a Universidade do Minho. Cedo os *interesses criados* e o ambiente ultramontano-reaccionário local se deram conta dos perigos que tal constituía. A localização da Universidade foi o *mote* e a reacção dos vimaranenses o motivo. De um lado os perigos da modernidade das ideias e do outro a ignorância que se satisfazia, e satisfez, com a colocação de uma tabuleta onde se lesse *Universidade do Minho*. Estava preparado o caldo de uma guerra onde o poder político-teocrático e a ignorância davam mãos para inviabilizar tão importante projecto. Esqueceram-se que, enquanto faziam a sua guerra, um homem de ciência, inteligente e com uma vontade de ferro e uma sábia experiência, começou a lançar os caboucos da Obra, enquanto um compa-

nheiro de igual têmpera e de um notável poder de comunicação, Joaquim Barbosa Romero, gizava os fundamentos da Instituição e estabelecia contactos com todo o distrito vivo. E, contra ventos e marés, e pese embora um major ocasionalmente Ministro da Educação, pressionado politicamente, ter decidido (mal, já se vê) que haveria dois pólos na UM, o facto é que a Comissão Instaladora agindo como um bloco, conseguiu que em Novembro de 1975 começasse a sua actividade a UM quando todas as outras Universidades não funcionavam. Estava dado o passo decisivo, por inviabilizar qualquer recuo e os opositores tiveram que se reduzir ao silêncio. Hoje, Braga pode relembrar, ufana, a ruptura com o passado, que se deveu exclusivamente à criação da Universidade. A cidade é outra, tanto do ponto de vista cultural, como social, como político e até religioso com enorme proveito para todos. Guimarães não sofreu igual impacto porque o movimento associativo foi sempre interveniente e uma barreira intransponível para o ultramontanismo político e religioso e daí ter sido propiciador de uma paz democrática que importa assinalar.

Acresce a todos estes factos que se começou logo por ter, não só uma *Universitas magistrorum et scholarium*, mas um espaço aberto à Comunidade regional. Poder-se-ia ter ido mais longe? Sem dúvida, mas para isso teria sido indispensável a existência de governos constitucionais que actuassem em dois campos complementares: definir qual o rumo da nossa indústria face à previsível competitividade com um mundo que caminhava para a globalização da economia e, ao mesmo tempo, definir os quadros necessários, e quais, para evitar que o Ensino Superior e Universitário criassem expectativas ilegítimas para os que iria formar (principalmente num distrito dominado por uma indústria que é predominantemente do 3.º mundo).

E tudo isto, naturalmente, com a colaboração das Universidades.

Nada foi feito. Nada está a ser feito. E o abismo está ante os nossos olhos.

Ora é hoje dia grande para a Universidade do Minho, mas não só. Também o é para a Câmara Municipal de Guimarães e para a centenária Instituição de Sarmento que se vê projectada no futuro através da Casa de Sarmento.

Afinal, a página da Internet que hoje se abre à curiosidade do Mundo não é senão o culminar de vontades: Do anterior Reitor, Prof. Licínio Chainho

Pereira que teve a coragem (é verdade que foi preciso coragem e sentido de responsabilidade) que assumiu com determinação a criação de uma Unidade Cultural da UM, em Guimarães, integrada na numa linha de orientação do actual Reitor Prof. António Guimarães Rodrigues, que, por si só, nos diz da capacidade do Universitário com uma visão rara do que deve ser a acção de tão importante pólo de criação e transmissão de saberes e a forma de acção eficaz que deve adoptar. A finalizar, a abertura ao mundo desta janela, deve imenso ao lúcido e incansável Presidente da sua Comissão Instaladora, o Prof. Carlos Bernardo, e à sagesa e capacidade de trabalho de António Amaro das Neves.

Cremos que, a partir de hoje, a Universidade é mais *Universitas*, a Câmara Municipal terá orgulho, naturalmente, de ver projectada uma outra dimensão cultural de Guimarães para além dos seus galões de Património Cultural e a velha Sociedade Martins Sarmento, finalmente, vê concretizado um sonho de universalizar um espólio guardado sob a invocação de um homem sábio e generoso: Francisco Martins Sarmento.

22 de Setembro de 2003.